



RIEdSA

Revista Interdisciplinar em Educação, Saúde e Ambiente

**Programa de Pós-Graduação
em Formação de Professores
e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI)
UPE - Campus Petrolina**

Isabela Esteves Gomes

Universidade Federal do Vale do São Francisco

isabelaesteves@gmail.com

 [0000-0002-5430-1074](https://orcid.org/0000-0002-5430-1074)

Juracy Marques

Universidade do Estado da Bahia

juracymarquespshy@gmail.com

 [0000-0002-0466-7035](https://orcid.org/0000-0002-0466-7035)

Submetido: 10/09/2025

Aceito: 15/11/2025

Publicado: 31/12/2025

Volume 2 - Número 1 (2025)

ISSN: 2965-8624

DOI: 10.70678/riedsa



A ESCOLA COMO TER.RITO.RIO

RESUMO: O artigo analisa a Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar como patrimônio sociocultural da comunidade quilombola do Rodeadouro localizada em Juazeiro - BA e através do materialismo histórico dialético revela os sentidos da Escola para o território em seu processo identitário. Como recurso metodológico separa-se as sílabas do termo território para revelar a complexidade conceitual da palavra, revelando três elementos fundamentais para o processo identitário: o Ter, o Rito e o Rio e a partir da abordagem de cada um desses elementos, apresenta-se a concepção do território para a comunidade. O texto apresenta uma síntese dialética, entre a tese originária que afirma que a escola não é sinônimo de educação e a antítese para a comunidade revelando-a como seu patrimônio histórico.

Palavras-chave: Território, Processo Identitário, Escola, Educação, Comunidade Quilombola.

THE SCHOOL AS "TER.RITO.RIO"

ABSTRACT: The article analyzes the Municipal School Maria Monteiro Bacelar as the sociocultural heritage of the quilombo community of Rodeadouro in Juazeiro, located in state of Bahia – Brasil, and, through historical-dialectical materialism, reveals the school's meanings for the territory in its identitarian process. As a methodological resource, the syllables of "território" are separated to reveal its conceptual complexity, highlighting three core elements for the identitarian process: Ter, Rito, and Rio. From these elements, it presents the community's conception of your territory. The text offers a dialectical synthesis between the original thesis of the study that the school is not synonymous with education and the community's antithesis, that considers the school as its historical heritage.

Keywords: Territory, Identity Process, School, Education, Quilombo Community.

LA ESCUELA ÉS "TER.RITO.RIO"

RESUMEN: El artículo analiza la Escuela Municipal Maria Monteiro Bacelar como patrimonio sociocultural de la comunidad quilombola de Rodeadouro, ubicada en Juazeiro, (Bahia – Brasil), y, a través del materialismo histórico dialéctico, revela los sentidos de la escuela para el territorio. Como recurso metodológico, separa las sílabas "território" para revelar la complejidad conceptual de la palabra, en tres elementos fundamentales para el proceso identitario: Ser, Rito y Río; y a partir de la aproximación de cada uno de estos elementos, se presenta la concepción del territorio para la comunidad. El texto presenta una síntesis dialéctica, entre la tesis originaria que afirma que la escuela no es sinónimo de educación y la antítesis para la comunidad, revelándola como su patrimonio histórico.

Palabras clave: Territorio, Proceso Identitario, Escuela, Educación, Comunidad Quilombola.



INTRODUÇÃO

As informações a seguir são derivadas da dissertação “O Ecosistema Comunicativo da Comunidade do Rodeadouro – BA”, defendida pela autora no ano de 2019 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), UNEB campus Juazeiro - BA. Trata-se da análise, a partir do materialismo histórico dialético, da Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar (EMMMB) como síntese e representação social da comunidade quilombola do Rodeadouro.

É importante desde já fazer alguns esclarecimentos para melhor compreensão do que está aqui contemplado, dada a natureza do método escolhido. O trabalho desenvolveu-se a partir da tese original da dissertação, cuja reflexão pautou-se no entendimento da complexa, polêmica e tensa relação entre educação e escola, não como sinônimos, visto as críticas contemporâneas apontarem que o verdadeiro papel destas instituições está distante do sentido amplo da educação.

Porém, durante o trabalho de campo que contemplou a realização de metodologias participativas e entrevistas narrativas, identificou-se um forte elo identitário entre a história da comunidade quilombola do Rodeadouro e a Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar. A pesquisa compreendeu, naquela altura, que havia uma importante antítese proposta pela realidade. E neste artigo, desenvolve-se o estudo deste contraponto e como resultado está constituída a definição da síntese desta tríplice relação, sob a ótica da dialética.

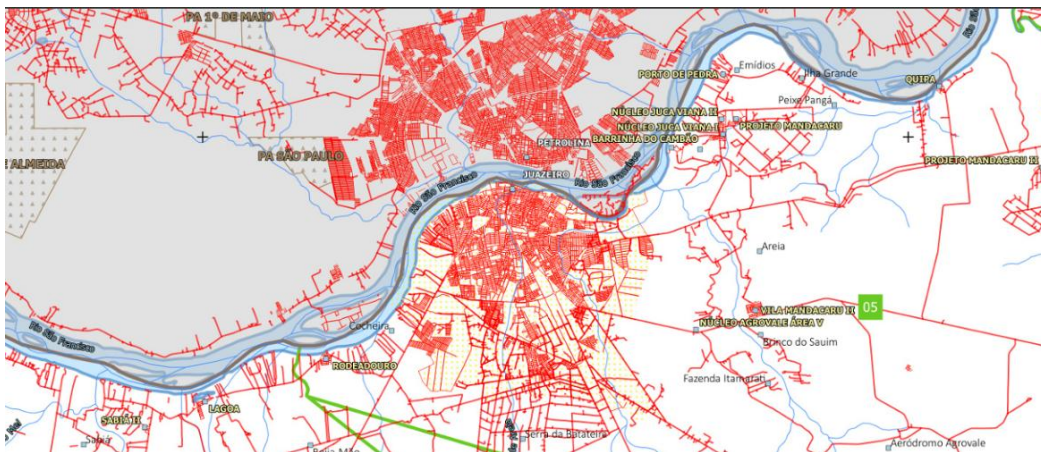
Na escrita do texto optou-se por algumas escolhas normativas, a saber: ao se referir à EMMMB será sempre utilizada a palavra com a inicial em letra maiúscula, revelando a intenção de provocar uma diferenciação das demais escolas. Tal procedimento é adotado em respeito à notoriedade desta Escola para a pesquisa dissertativa e para a comunidade.

Outra questão importante assumida como procedimento é relacionar a identidade da comunidade quilombola do Rodeadouro como processo identitário, por compreender a natureza dinâmica desta definição, como algo construído coletivamente e inscrito num dado contexto histórico. Evitando considerar a identidade de um grupo social como pré-determinada ou natural, mas como processual, produzida a partir da criação coletiva e multirreferencial.

A COMUNIDADE QUILOMBOLA DO RODEADOURO

Juazeiro, cidade ao norte do estado da Bahia, estruturou-se às margens do Rio São Francisco, uma cidade ribeirinha, como pode ser identificado pela Figura 1, onde grande parte do seu território margeia o famoso Rio da Integração Nacional.

Figura 1- mapa da cidade de Juazeiro - BA



Fonte: IBGE (2022).

Se olharmos com atenção para a imagem podemos perceber a concentração de construções próximas ao Rio, identificadas pela cor vermelha. Quanto mais perto, mais ocupação e à medida em que se distancia as águas do Velho Chico, os espaços que ora avermelhados, aparecem na cor branca. Um indicativo da forte influência do Rio para a apropriação do espaço urbano.

É nesse cenário que está localizada a comunidade do Rodeadouro, como comumente é conhecida, contudo existem outras nomenclaturas para designá-la. Nos mapas oficiais utilizados pela gestão municipal encontra-se o termo Rodeadouro, de acordo com o documento fornecido pelo IBGE (2022), já o Google Maps (2024) indica “Povoado do



Rodeadouro” e ainda podemos encontrar no site Cidades-Brasil (2025) a referência a Rodeador.

Entretanto, as polêmicas em torno do nome não param por aí. Durante a pesquisa no mestrado, identifiquei uma certa confusão do público com o território a que me referia, especialmente aqui no Vale do São Francisco, por isso precisei utilizar a expressão “a margem terrestre do Rodeadouro” como sendo o foco da pesquisa, pois a confundiam com a Ilha de mesmo nome.

As diferentes formas de escrita remontam a história do batismo do território, por pertencer à tradição oral, a existência dessa multiplicidade de registro revela a cronologia e as raízes da sua organização enquanto grupo social.

Ainda hoje é bem comum a reflexão em torno da substituição de um nome pelo outro. O sentido remete à manobra náutica para acessar o cais. A expressão carregava um aviso, o de rodear as pedras localizadas na margem da comunidade [...](Gomes, 2018, p. 26).

A figura 2 apresenta a fotografia das rochas citadas na história sobre a escolha do nome da comunidade. A imagem fora registrada de dentro de uma das embarcações que faz o transporte entre o Rodeadouro e sua a Ilha homônima.

Figura 2 – Vista do Rodeadouro a partir do Rio



Fonte: autora (2018).

Com relação a outra ambiguidade, a imprecisão acerca da localização geográfica ocorre pela popularização da porção fluvial do território apropriada pelo turismo. A Ilha do Rodeadouro é frequentada pelos/ pelas moradores/ moradoras locais, como também visitantes de passagem pela cidade.



A Ilha integra a comunidade do Rodeadouro, inclusive alguns moradores dedicam seus afazeres profissionais à travessia nos barcos de propriedade da Associação de Barqueiros do Rodeadouro. Há que se fazer outra ressalva aqui, a Ilha também tem uma parte territorial pertencente à cidade de Petrolina, ou seja, também é possível a dualidade no entendimento sobre esse território.

A separação entre territórios pode ser invisível a olhos nus, contudo é muito disputado entre as administrações das duas cidades. Um lado da Ilha mantém contratos de serviços públicos com a esfera governamental juazeirense, ao passo que a outra área relaciona-se com a gestão municipal petrolinense. Há relatos de que historicamente nem sempre foi assim, e a comunidade garante que a Ilha tinha ligação jurídica e política com o estado da Bahia. E, que após disputas entre os governos dos dois municípios vizinhos, convencionou-se a compartilhar a gestão da ilha.

Contudo, se olharmos atentamente ao mapa da Figura 1, a linha que demarca a separação estadual inclui totalmente a área da Ilha do Rodeadouro como pertencente ao município de Petrolina.

São necessários todos esses esclarecimentos introdutórios para a demarcação mais próxima da realidade, cujo objetivo é atender ao critério científico da materialidade histórica dialética.

Ainda cabe destacar uma coincidência durante o trabalho de campo para o desenvolvimento da dissertação, D. Ovídia, liderança comunitária, responsável pelas organizações do grupo e pelo engajamento participativo em torno das demandas políticas, religiosas e culturais da comunidade do Rodeadouro, me convidou para participar de uma reunião da associação quilombola.

Era uma noite agradável na comunidade, íamos chegando pouco a pouco, nos acomodando em cadeiras plásticas dispostas em círculo num quintal de uma espaçosa casa, contemplando o céu estrelado do Rodeadouro. Organizei todo o meu aparato técnico, a câmera, o tripé, o microfone ambiente, meu caderno e a caneta para as anotações, até a chegada dos integrantes.

D. Ovídia revela ter recebido da Fundação Palmares o primeiro documento que certificava o Rodeadouro como comunidade quilombola, fato ocorrido em 2018, conforme



pode ser verificada na Figura 3. Até a presente data ainda não havia sido expedida a titulação, ou seja, o processo de reconhecimento não está concluído.

Figura 3 - Certidão de Autodefinição



Fonte: a Autora (2018).

A partir dele começou-se a estruturação da Associação, prevendo reuniões periódicas, pagamento de taxa de adesão, cadastro de moradores, isto é, o registro provocou a organização e engajamento do grupo naquele momento em torno da pauta, orientando os futuros trabalhos da associação.

A certidão tem uma implicação prática na experiência da comunidade, apesar de não ser a única responsável pela identidade cultural do Rodeadouro ou na solidariedade entre a sua população, menos ainda no entendimento enquanto grupo social, esse documento resguarda ao povo o seu território, é um tratado que dá poder sobre seu lugar.

O termo quilombola teve que ser ressignificado também no Rodeadouro, pois trata-se de uma expressão que carrega consigo memórias históricas de violências contra o povo negro, onde no período da escravização esteve associada à elementos discriminatórios, “a criminalização e a violência contra essas comunidades permaneceram, tendo como alvo seus modos de vida, suas expressões culturais e seus territórios, isto é, as suas formas de resistência e de auto-organização comunitária contra colonial” (Santos, 2015, p. 49).

São marcas que inscrevem no presente alguns comportamentos de negação à essa associação. A certificação chega numa fase de ressignificação do termo, de olhar para sua



história com entendimento da força de resistência que ela carrega, das vidas que em solidariedade se estruturaram, enquanto grupo, não só para sobreviver, mas para viverem dignamente e em respeito às memórias ancestrais, escrevem uma outra história, onde a luta, a união, o respeito e a reparação, sejam as novas marcas relacionadas ao termo.

O certificado representa também um passo importante na defesa do território, pois situada às margens do Rio, num espaço privilegiado pela natureza e geografia, a comunidade é sempre alvo de especulações financeiras externas.

O documento é mera formalidade porque a terra pertence a quem nela vive, especialmente quando nos referimos a grupos historicamente localizados, como é o caso do Rodeadouro. A simbologia do papel funciona para a população que vive na porção externa ao território quilombola e passa a ser utilizado pela comunidade como proteção aos de fora.

Contudo, no esforço de compreender o significado para a população do Rodeadouro, algumas perguntas foram colocadas ao longo da pesquisa. Foi possível notar a mobilização em torno de questões mais administrativas, que identitárias e também de infraestrutura, como fica evidenciada na fala de Leidinha, presidente da Associação.

Porque nós aqui somos um pouco esquecidos de tudo, nós não temos nada aqui no Rodeadouro, vamos ver se a gente consegue agora com esses quilombola, é uma lei, nós temos prioridade. Então nós vamos correr atrás (Gomes, 2018, p. 137).

Merece destaque a expressão “esses quilombola” como indicativo de uma identidade em formação, ainda que todas as provas exponham o passado quilombola do Rodeadouro: o período de formação, o acesso protegido ao território graças a sua geografia, a existência da casa de farinha e todas as manifestações culturais e religiosas existentes. A comunidade, no presente, convive com essa formatação, com o entendimento do que significa o termo internamente.

Outra evidência da colocação da presidente é a busca por melhorias a partir da nomeação quilombola, por estarem protegidos por lei, a comunidade expressa intenção na luta por direitos de equipar a comunidade com elementos de infraestrutura para a sua população. É fácil encontrar algumas notícias jornalísticas que mostram os resultados dessa interação entre governo municipal e moradores do Rodeadouro, em doações de cestas básicas durante a pandemia, cadastro em políticas sociais, postos de vacinação, requalificação de praça e parceria na festividade em homenagem ao Santo Padroeiro (Passos, 2025).



Tais retornos ainda são incipientes com relação às demandas locais, conforme visão da própria comunidade que expressa pela necessidade de outras ações e iniciativas da gestão municipal.

Podemos associar os avanços na infraestrutura da comunidade, a partir de serviços prestados pela prefeitura à inscrição na lei de proteção ao patrimônio das comunidades históricas, os acima citados datam de período posterior à emissão da certidão.

Se configura assim o poder de articulação que possui o Rodeadouro, estão sempre dispostos a enfrentar as ausências de incentivo público em seu território, indo buscar por meio do diálogo as providências mais urgentes. A população do Rodeadouro é composta de pessoas dedicadas ao cuidado com seu território e consigo mesmas.

São mulheres e homens que possuem proximidade de relações, os mais velhos se chamam de comadres e compadres, já os mais novos adaptaram tais expressões para primas e primos. Essa relação afetiva de parentesco não tem só a ver com consaguinidade, é sobre respeito, atenção com o outro, com alteridade e afinidade. Essas expressões trazem nas suas entrelinhas aspectos da personalidade comunal, onde a solidariedade adquire novos laços à medida em que as demandas vão aparecendo, as pessoas se ajudam mutuamente, estão juntas no dia-a-dia, seja na rotina do trabalho, nos encontros religiosos ou mesmo nos momentos de lazer, há uma união espontânea construída na rotina em comum.

São elementos imateriais de solidariedade que ganham contornos no território. As ações coletivas produzem patrimônios materiais que, neste exercício, se tornam expressões dessa união comunitária.

A ESCOLA MARIA MONTEIRO BACELAR

Antes de iniciar a análise descritiva da escola, é preciso fazer uma breve, porém necessária, contextualização sobre a importância dessa instituição de ensino para a dissertação originária deste trabalho.

Durante a fase de elaboração do projeto, passando pelas disciplinas cursadas, as orientações acadêmicas até a aprovação do Comitê de Ética, a referência à educação formal propriamente dita não figurava como prioridade, afinal, o interesse era documentar os



saberes e fazeres cotidianos, apesar do conhecimento prévio sobre a presença deste patrimônio educacional no território.

Assim, durante o trabalho de campo com as metodologias ativas e com os registros narrativos, as falas em torno dos processos educativos na comunidade faziam referências diretamente e prioritariamente à Escola. Quem participava da pesquisa, independentemente da idade, comentava sobre o espaço e demonstravam propriedade sobre sua história. Era notável pelas narrativas das pessoas mais velhas da comunidade as impressões, ora nostálgicas, ora orgulhosas, por serem egressos e verem seus filhos/ filhas e netos/ netas seguirem o mesmo itinerário.

A Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar está localizada no coração do Rodeadouro, bem no centro da comunidade, na sua rua principal que traz em seu nome a homenagem ao seu santo padroeiro, São José. O prédio está ao lado da Igreja e em frente às águas do Velho Chico, conforme por ser verificada pela figura 4, realizada à noite, ao fim dos primeiros dias do trabalho de campo para a elaboração da dissertação.

Figura 4 - Fachada da Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar



Fonte: a Autora (2018)

Já para os mais novos, os relatos trazem a Escola como extensão das suas residências. Sentem-se privilegiados por estudarem perto de casa, sem precisar fazer grandes deslocamentos para frequentá-la. Nota-se certa apreensão também, quando estão terminando o Fundamental I e sabem que precisarão ir para uma outra instituição continuar seus estudos, já que a Maria Monteiro Bacelar oferece apenas os níveis da educação infantil e ensino fundamental anos iniciais. Alguns relatos apontam dificuldades de adaptação e até



casos de evasão escolar de estudantes egressos da Escola, quando da migração para outras instituições da cidade.

Por conta do protagonismo na comunidade, a pesquisa então, compreende a EMMMB como fonte e patrimônio do estudo social do Rodeadouro. E enriquece o trabalho com a rica narrativa que remonta a construção do prédio escolar e sua ampliação.

Começou numa casa do lado oposto às igrejas, [...] segundo D. Ovídia, era moradia das primeiras professoras que chegavam à comunidade para lecionar. No mesmo espaço, elas davam aulas para as crianças, adolescentes e os jovens compondo turmas multisseriadas. Tal recurso ocorria pela distância do centro de Juazeiro, as dificuldades de locomoção dada às condições físicas da estrada de terra e das ausências de transportes públicos (Gomes, 2018, p. 83).

Inclusive D. Ovídia foi estudante desse modelo escolar, inscrito na dissertação como “residências-escolas” (Gomes, 2018). Os relatos apontam ainda que tais professoras só voltavam para suas casas aos fins de semana ou “só ia em Juazeiro no dia de receber o dinheiro, montada de jumento, não tinha carro, não tinha moto” fala de D. Maria Perpétua (Gomes, 2018, p. 114), permanecendo a maior parte dos dias na comunidade. Essa convivência próxima, pode-se até chamar de íntima, de foro familiar quase, marca as crianças frequentadoras destes espaços. Influenciando a atuação posteriormente como professora, como ocorreu com a própria D. Ovídia.

De aluna, tornou-se uma das primeiras professoras já na estrutura da Escola Maria Monteiro Bacelar e, hoje, é uma das lideranças mais respeitadas e influentes no Rodeadouro e docente aposentada. O respeito com que a comunidade a trata também advém dessa história com a formação da sua população, a dedicação de uma vida à educação e na aposentadoria, segue atuando na organização das associações do Rodeadouro, no Samba de Veio e no engajamento das pessoas da comunidade.

O exemplo de dedicação ao ensino de D. Ovídia gerou frutos dentro da sua família consaguínea, uma sobrinha (*in memoriam*) tornou-se professora da Escola e recentemente uma neta formada em Pedagogia na UNEB Juazeiro, seguiu seus passos sendo aprovada como docente do município vizinho a Petrolina.

A Maria Monteiro Bacelar, como a maioria das escolas municipais brasileiras, convive com altos e baixos, com momentos de investimentos e silenciamentos, mas segue resistindo, muito pela valorização da comunidade, que defende, exige e valoriza sua existência. Quando



o poder público falha no suporte técnico, são as pessoas do Rodeadouro que atuam em diversas frentes para mantê-la atuante. Quando não há repasse suficiente de verbas para infraestrutura, a comunidade, em multirão, acolhe as demandas e faz acontecer. Quando há ausência de profissionais para atuarem no território, as educadoras da comunidade, assumem esses postos de trabalho.

SOBRE O MÉTODO

Em coerência à natureza deste trabalho, seu desenvolvimento está apoiado na abordagem qualitativa pois “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema” (Gomes, 2015, p. 80), no presente caso, a educação. Como também valoriza cientificamente o discurso local, contextualizado com a vivência comunitária e a história do seu patrimônio educacional.

A reflexão gnosiológica sobre a relação entre a Escola e educação no território do Rodeadouro, foco deste trabalho, está vinculada metodologicamente e filosoficamente ao materialismo histórico dialético para estudo, análise e interpretação da realidade, por entender que este paradigma científico visa “apreender as relações dinâmicas e processuais do conjunto das determinações de um objeto ou fenômeno e sintetizá-las teoricamente” (Martins e Lavoura, 2018, p. 227), sua função essencial como método e episteme.

Portanto, vai ao encontro dos sentidos da educação para/ na comunidade do Rodeadouro, tendo como suporte metodológico o materialismo histórico dialético, também pelas possibilidades de associar dados de “base empírica e documental” (Minayo, 2002, p. 78) e fornecer, ao mesmo tempo, elementos filosóficos para a compreensão crítica em torno do objetivo sistematizado e a inscrição histórico-contextual dos relatos para elaboração conceitual do estudo.

O materialismo histórico dialético está imbuído de, a partir da concretização da prática humana em formato de objetos ou fenômenos, percorrer historicamente sua existência e revelar os nexos para o grupo de pessoas a quem essa produção pertence. No presente caso,



a Escola Maria Monteiro Bacelar é destacada como o real concreto, produto e resultado da práxis da comunidade quilombola do Rodeadouro em torno da educação no território.

Articula a relação entre a educação e Escola como arcabouço teórico e fonte para elaboração dialética do contexto.

Para Marx (1974, p. 939), fonte primeira da concepção materialista histórica dialética, “o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto”, esta compreensão em torno do suporte do método para a pesquisa é crucial neste contexto, pois a proposta é partir de elementos concretos, a Escola, ou seja, a aparência, para discutir criticamente a essência da educação para o Rodeadouro.

Quem pesquisa a partir das lentes do materialismo histórico dialético “deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é fundamental no processo de pesquisa” (Paulo Netto, 2011, p. 25), ou seja, deve apoiar-se em diferentes fontes, estabelecer relações próximas com a comunidade, manter-se ativo durante todo o processo, também com atitude curiosa e atenta aos ditos e vistos no território.

Contudo, para se classificar como tal rótulo científico não basta apenas esse movimento epistemológico de relacionar dados concretos à estruturação da teoria comunitária, a dialética requer um segundo movimento, ou nas palavras marxianas um retorno, pois, se assumirmos apenas a ida chegaríamos do todo a conceitos cada vez mais simples, “daí teria de dar início à viagem de retorno, até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de determinações e relações” (Marx, 2011, p. 77) e, assim, a partilha dos resultados com a comunidade ocorreu, a fim de realizar este retorno, de exercitar o ouvir consciente e a observação participante.

Vale registrar que a Escola adentra à dissertação originária deste trabalho por uma demanda comunitária. Foi a partir dos diálogos, pela relação de troca e confiança entre pesquisadora e comunidade, durante a realização do trabalho de campo, que se revelou a importância simbólica daquele prédio histórico e portanto, em respeito à prática dialética, debruçou-se com mais cuidado e atenção à Escola. É daí que surge a necessidade de aprofundamento deste resultado de pesquisa, já que não era previsto nos objetivos iniciais do



mestrado, porém durante todo o trabalho fora verificado o impacto social desta construção no território, especialmente e, sobretudo, na configuração da identidade enquanto grupo.

Assim, o esforço para compreender o sentido da educação para o Rodeadouro articula as experiências cotidianas, a história do patrimônio escolar e o processo temporal das relações sociais envolvidas, assim, apoia-se na concepção dialética, a qual contribui como uma “maneira dinâmica de interpretar o mundo, os fatos históricos e econômicos” (Minayo, 2002, p. 88) para fornecer postulados críticos às descobertas no trabalho de campo.

Compreende que a Escola, enquanto patrimônio comunitário, representa uma categoria simples e complexa ao mesmo tempo, pois concentra a discussão no campo da educação, por si só, um tema contemporâneo bastante polêmico, simultaneamente, a uma complexidade significativa de conteúdos paradoxais, de tensão e de confronto como suporte à reflexão dialética.

Logo, o estudo foi produzido pela combinação entre as narrativas comunitárias, as fotografias registradas na observação participante e os documentos compilados na fase exploratória do trabalho. Esta visão conceitual permite o estudo “ir em busca da compreensão de como as coisas se apresentam e acontecem dos modos subjetivos de viver” (Minayo, 2002, p. 86). Compreender, aqui, tem conotação filosófica, porém não essencialista, mas como “possibilidade de interpretar, estabelecer relações e extrair conclusões” (Minayo, 2002, p. 86), percurso estratégico para responder às inquietações da pesquisa.

Se debruçar sobre a relação entre Escola e educação é sempre um movimento instigante e interessante dentro da ciência, por serem categorias em disputa e de intenso debate, necessitam do interesse científico para superar algumas inconsistências ainda atuais, bem como vislumbrar outros caminhos.

Assim, podemos resumir o método dialético em três momentos: primeiramente, a **tese**, em que se parte da afirmação de uma ideia que se pretende verdadeira; em seguida, a **antítese**, que nega e contradiz essa tese inicial, colocando-a em questão; e, por fim, a **síntese**, em que a articulação entre tese e antítese, por meio da confrontação de seus limites, gera um resultado que, no limite, nada mais é do que uma nova tese, recomeçando o ciclo do pensamento dialético. (Pátaro e Oliva, 2023, p. 108).

Aqui, então, está a representação da lógica social da comunidade a respeito do seu patrimônio escolar no contexto atual.



A ESCOLA COMO TER.RITO.RIO

Concluída a dissertação, após suas revisões, um hiato, uma pandemia e uma gestação, seus resultados são revisitados neste texto. O tempo, a distância e a maturidade da experiência nos presenteia com novos olhares, novas formas, sabores e cores. Assim, ao reler a pesquisa defendida em 2019, no intuito de torná-la conhecida, objetivo incutido nos trabalhos científicos, exercitei criticamente o movimento de imersão pela etimologia da palavra território e inspirada pelo materialismo histórico e dialético, a dissequei em partes menores, separei suas sílabas e encontrei outros três termos: ter, rito e rio.

A articulação entre tais vocábulos mostra o caminho para a compreensão de como a Escola se insere, influencia e atua no processo identitário da comunidade do Rodeadouro. Ao isolar as sílabas e encontrar outras palavras na formação, além de trazer um novo olhar para o exercício etimológico, também revela a densidade do termo. E é a partir deles que o método se desenrola.

Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário. Vou ao dicionário, sim, para acordá-las e levá-las para se movimentarem no texto. E quando não as tenho disponíveis, invento, aglutino umas às outras. Mas sei também que palavra alguma dá conta da vida (Evaristo, 2020, p. 37).

A postura técnica assumida nasce da limitação da linguagem com relação à complexidade da vida, contudo, enquanto objeto acadêmico, todo esforço se faz imprescindível para representá-la, não na tentativa de torná-la meramente mais uma expressão, mas para provocar a ciência e seus métodos. Dado o dinamismo, a dialeticidade e a historicidade da realidade humana, a pesquisa assume o fluxo como característica do pensamento, isto é, teorizar sobre a experiência humana nunca deve ser uma via única, se assim o fizer, sempre será parcial, tendenciosa e inconsistente.

Ademais definir território, dada a diversidade de abordagem é um tanto quanto complicado. Como categoria analítica, o termo abrange marcadores geográficos, culturais, naturais, sociais, identitários, econômicos, políticos, como itens contidos nos conceitos mais conhecidos, ora elegem um desses elementos, ora mesclam e interrelacionam todos eles.



Foi a partir do conceito abrangente de território trazido por Milton Santos, um dos pilares da pesquisa, que o exercício de interpretar a relação entre a EMMMB e a comunidade do Rodeadouro teve suas primeiras conexões. Para esta referência, território é o

[...] chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (Santos, 2000, p. 96).

Cabe ressaltar os elementos semânticos utilizados para designar o território na visão de Santos (2000) ele associa chão, população, identidade, pertencimento, trabalho, residência, trocas materiais, espirituais e vida para constituir sua visão sobre o território. Essa perspectiva contribui para estabelecermos multirrelações com o espaço, para pensarmos nos detalhes que o compõe, tal como a terra, as pessoas habitantes, a natureza, a cultura, as práticas sociais, os saberes e fazeres, os sagrados, enfim, aspectos relevantes que conduzem teoricamente esta pesquisa.

Somada à tal concepção, tem-se também a definição da categoria Territórios de Identidade (Bahia, 2025), utilizada politicamente pelo governo do estado da Bahia para delimitar os espaços geográficos a partir da cultura, integrando ao mesmo território, lugares que se autoidentificam com uma determinada identidade. Esta postura orienta a gestão pública no suporte e na administração do espaço.

Sabendo que o posicionamento sobre quem é impacta no entendimento do mundo sobre você, assim como a distinção entre outros. Entende-se a identidade não como algo definido, natural ou inato, mas como uma construção. Uma experiência que ocorre em processo, articulado à história, às tensões, conflitos e relações de poder. Então assume-se como categoria analítica a identidade como sendo “nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (Silva, 2014, p. 76).

Assim, é preciso compreender a identidade nunca como unanimidade, pois é forjada no contexto da vida, depende das relações estabelecidas historicamente. Logo, aqui a designaremos como processo identitário, no intento de salvaguardar essas características. Sob o viés do reconhecimento de processos identitários por instituições legais, como é o caso das populações remanescentes quilombolas e os órgãos governamentais envolvidos na



legalização das terras, é preciso tratar também das disputas e tensões envolvidas nessas relações.

Afinal, intitular uma comunidade como quilombola, além de aferir características típicas que apontam para essa definição, é também colocar outras como não quilombolas, e portanto, não pertencentes a este grupo e, estando, assim fora do acesso à legislação. Por isso, ao pensarmos em processo identitário, precisamos lembrar também das diferenças, uma vez que “a identidade e a diferença têm a ver com atribuição de sentido ao mundo social e com a disputa e luta em torno dessa atribuição” (Silva, 2014, p. 96).

Ao receber a certificação de “remanescente quilombola”, o Rodeadouro afirma pertencer a este grupo e isso fortalece seu processo identitário. Talvez, num primeiro momento, não seja tão relevante para sua população a afirmação, mas é fundamental para quem está na margem de fora do território, uma vez que as terras ribeirinhas juazeirenses têm grande valor econômico e, conseqüentemente, passam por frequentes especulações de diversas frentes. Aqui, passamos a debater a perspectiva do “ter” para a comunidade.

É preciso pensar no aspecto físico do território e compreender que para os de fora, o local onde o Rodeadouro se encontra é muito próspero para outras concepções de vida, mais atreladas ao modus capitalista do uso do espaço, onde o latifúndio invade para transformar natureza em dinheiro, ou explorar os recursos naturais para os mesmos fins.

“Ter” a posse das terras permite a segurança da população de que suas construções não serão desfeitas em troca de poucas/ muitas moedas, significa que sua memória ancestral siga se desenvolvendo no presente, que sua história permeneça articulada no mesmo chão de onde nasceram e cresceram seus membros comunitários e, a possibilidade de disfrutar de um futuro em comum.

Da mesma maneira, é o benefício de poder manter a Escola funcionando e servindo à sua população. Pensar no aspecto do “ter” é perceber a noção de poder que envolve o pertencimento das terras. Quem as detém, usufrui das benfetorias do espaço e elabora a história do lugar. O certificado que vem atrelado a uma construção identitária no Rodeadouro permite que a Escola siga sendo escola na/ da/ para a comunidade, que possa continuar no atendimento às crianças locais e suas famílias, que, apesar de receber profissionais de outras localidades para trabalhar em seu espaço, a EMMMB permaneça imprimindo sua digital



própria, relacionada historicamente com seu contexto presente, como resultado de seu passado educador e conduzindo seus caminhos para o que virá, articulando os desejos da comunidade e não do capital.

Destarte, a Escola oferece critérios analíticos para a presente reflexão ao associá-la ao “rito”, contido no verbete dialético território. Aqui compreendido como

uma diversidade de formas e com inúmeras combinações diferenciadas entre o “uso privado” e o “comum”, perpassadas por fatores étnicos, de parentesco e de sucessão, por fatores históricos, político-organizativos e econômicos, consoante práticas e sistema de representações próprios (Almeida, 2011, p. 50).

O ensinamento extraído nesta reflexão entre a Escola e a palavra “rito”, evidencia ações cotidianas próprias que fundaram a EMMMB, após as experiências com a residência-escola e a ampliaram com o passar do tempo para atender às demandas da comunidade, há uma lógica social nesta luta em defesa da existência do patrimônio, pois pertence ao sistema de representações da comunidade do Rodeadouro. É produto cultural do grupo social a quem pertence, ainda que leve o título de instituição municipal, dado a natureza pública do seu serviço, está articulada na estrutura político-organizativo do contexto sociocultural da comunidade.

No exercício de materializar todo esse pensamento levantado aqui, se faz necessário citar algumas ações pedagógicas desenvolvidas pela Escola que acontecem no espaço coletivo, estas atividades foram compartilhadas pela equipe escolar durante do trabalho de campo para a elaboração da dissertação, são algumas delas: as culminâncias dos projetos, os jogos escolares, as aulas na praça, os desfiles cívicos no feriado da Independência em homenagem aos símbolos locais, eventos que ocorrem nas ruas do Rodeadouro, especialmente no entorno da Escola (Gomes, 2018).

Outro importante destaque sobre o quesito “rito” que a Escola estabelece no território é a participação das famílias no cotidiano escolar, desde o movimento diário das crianças na chegada e saída do espaço escolar, passando pelas consultas a respeito dos investimentos e das demandas administrativas serem compartilhadas com a comunidade, evidenciando a prática de uma gestão democrática, até a “relação caseira, familiar e de muita intimidade, ‘se os pais não vêm eu vou até eles [...]’, logo a abordagem aos pais e mães acontece na própria



residência da família” (Gomes, 2018, p. 120). Essas rotinas dão o tom íntimo e familiar ao espaço.

Algumas práticas foram aqui citadas, mas pela limitação de laudas, outras tantas ficam de fora, mas que também fazem da EMMMB um emblema comunitário. É a partir dessas relações cotidianas entre Escola e famílias que se compreende o conceito de educação contextualizada e é pelo “rito” que se revela a natureza da Escola territorializada, uma forma concreta de estar sendo coletivamente no mundo.

Finalmente, chega-se ao terceiro fundamento que forma palavra território, o “Rio”, permita-me a escrita da letra inicial em maiúscula, pois trata-se de uma das mais famosas atrações, não apenas do Rodeadouro, ou de Juazeiro, tem o reconhecimento nacional, o Velho Chico, o rio de integração nacional ou simplesmente Rio São Francisco.

Se no “ter”, evocamos o sentido de pertencimento, no “rito”, os aspectos político-organizativos da Escola foram revelados, agora temos a materialidade expressa em forma de águas, o “Rio”.

De acordo com Krenak (2022, p. 08) são “seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui”, a sua existência acolheu toda a ancestralidade do Rodeadouro, onde só foi possível existir e resistir ao tempo por conta das suas águas. Foi objetivo dos fundadores da comunidade estar próximo a ele e segue sendo fundamental para a permanência nos dias de hoje com vias de continuidade no futuro.

A relação entre o Rodeadouro e o Rio configura o modo de ser e estar no mundo, pois “a fricção com a vida proporciona um campo de subjetividade que prepara a pessoa para qualquer tarefa” (Krenak, 2022, p. 57). Não por acaso, a EMMMB localiza-se numa área em frente ao Velho Chico, no primeiro e principal logradouro do Rodeadouro, no marco zero da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No princípio era uma tese, a realidade entregou sua antítese e agora vem a síntese. Se para o mundo a escola não é sinônimo de educação, na comunidade do Rodeadouro ela é



patrimônio, é representação identitária e conta sua história. Então, para o presente artigo a Escola Municipal Maria Monteiro Bacelar é Ter.Rito.Rio.

É resistência de existir e pertencer à comunidade, ainda que com todos os embates encampados pela não assistência municipal, a sua presença dinamiza o cotidiano, dá vitalidade aos seus membros e poder. É fonte histórica que narra a experiência educativa do Rodeadouro desde sua “residência-escola”, passando pelo elo de solidariedade que une “compadres-comadres”, “primos-primas”. E guarda o sentido da educação contextualizada, com valores de respeito, saberes articulados com a natureza, acesso à instrução formal e de proximidade entre famílias numa compreensão sobre a gestão participativa não como meta, mas como caminho.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombolas e Novas Etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

CIDADE-BRASIL. **Município Juazeiro - BA**. Disponível em <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-juazeiro.html>>. Acesso em 31 mai. 2025.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus Subtextos. In: DUARTE, Constância Lima. NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a Escrita de Nós: Reflexões sobre a Obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Isabela Esteves. **O Ecossistema Comunicativo da Comunidade do Rodeadouro em Juazeiro- BA**. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos), Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro, 2018.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, Crítica, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados: Juazeiro - BA**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/juazeiro/panorama>>. Acesso em: 31 mai. 2025.

KRENAK, Aílton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARTINS Lígia Márcia. LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo Histórico-Dialético: Contributos para a Investigação em Educação. **Educar em Revista: Curitiba - Brasil**, 2018.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

MARX, Karl. **Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858, esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES, Suely Ferreira. **Caminhos do Pensamento: Epistemologia e Método**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

PASSOS, Waldney. Blog do Waldney Passos: Você Bem Informado. **Rodeadouro**. Disponível em: <https://waldineypassos.com.br/rodeadouro-se-prepara-para-a-tradicional-festa-de-sao-jose-com-procissao-fluvial-e-manifestacoes-culturais/>. Acesso em: 31 mai. 2025.

PÁTARO, Carolina Ribeiro. OLIVA, Diego Coletti. **Construindo a Pesquisa: Métodos, Técnicas e Práticas em Sociologia**. Curitiba: Intersaberes, 2017.



PAULO NETTO, José. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

SANTOS, Antônio Bispo. **Quilombos, Modos e Significados**. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal** – 3ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Tomás Tadeu. **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.